

Os engenheiros têm desenvolvido "um trabalho notável" nos Açores

Eng. Paulo Moniz, responsável pela Ordem dos Engenheiros nos Açores, está convencido de que se algumas normas técnicas fossem adaptadas à realidade regional, as obras poderiam ser mais baratas na Região

Correio dos Açores - O que representa a sede da Ordem dos Engenheiros dos Açores que vai ser inaugurada sábado?

Paulo Moniz (presidente do conselho directivo da Secção Regional dos Açores da Ordem dos Engenheiros) - Representa a materialização e a presença física de uma entidade importante para a actividade de engenharia nos Açores e que, desde a sua fundação, em 1988 não possuía instalações próprias que pudessem responder à sua missão, quer para com os membros, quer para com a comunidade.

Passamos a ficar dotados com sala de formação, biblioteca e de todo um conjunto de infraestruturas que apoiam, de forma importante, toda a actividade dos engenheiros nos Açores.

Quais as principais dificuldades que enfrentam os engenheiros na Região?

Existe um conjunto de dificuldades que são inerentes à nossa descontinuidade territorial. É óbvio que este facto, em muitas circunstâncias, é penalizador porque muitos dos colegas, especialmente fora das ilhas maiores, exercem os seus actos de engenharia numa maior solidão. A engenharia - porque é uma actividade que decorre de um acto criativo - beneficia muito quando temos uma determinada dimensão. Quando temos uma escalabilidade, podemos conversar, podemos discutir. É verdade que, hoje em dia, as novas tecnologias obviaram, um bocadinho, este handicap. Mas, na verdade, este é um aspecto importante.

O segundo aspecto é que, infelizmente, ao longo dos anos, nem toda a legislação normativa técnica tem sido adaptada à realidade dos Açores, por um lado, com custos, muitas vezes, desajustados para quem faz obras e para quem aplica na íntegra um conjunto de regras e de requisitos que não foram pensados para a nossa especificidade. Em alguns casos há uma total ausência da nossa realidade e das nossas necessidades.

Este aspecto é penalizador aos engenheiros e, também, de uma forma geral, a quem deles necessita.

As obras tornam-se mais caras nos Açores porque não se adapta a legislação nacional à realidade regional?

O que estou a dizer é que, nos Açores, em algumas circunstâncias, se adaptassem as normas técnicas à nossa realidade, poderíamos ter obras, até, eventualmente, mais baratas se fosse ajustada aquilo que é a nossa realidade em termos de requisitos.

Que outras dificuldades têm os engenheiros na Região?

Estamos a viver, neste momento, num quadro económico recessivo, especialmente, os engenheiros que estavam e estão muito ligados aquilo que são a área da construção civil, a área de novos investimentos. Eles estão muito penalizados porque a actividade económica, de resto, como é comum, numa fase de abrandamento, penaliza muito a capacidade desta actividade e de ocupação de grande parte desta gente.

Há engenheiros no desemprego?

Não tenho conhecimento concreto de engenheiros no desemprego. O que houve foi um abrandamento que, naturalmente, veio penalizar o nível de receita e a capacidade de gerar valor com a actividade porque, de forma geral, faz-se menos, há menos obras, há menos solicitação e, naturalmente, os valores são inferiores.

O acesso à formação é um problema...

É um handicap porque, naturalmente, estamos mais limitados à possibilidade de participar em acções de formação e de divulgação que ocorrem maioritariamente nos centros de maior decisão, seja em Lisboa, no Porto. A distância geográfica e a insularidade ainda constituem um handicap pese embora as novas tecnologias, desde a teleconferência a outros mecanismos da internet e da web, minimizem esta realidade. Mas é evidente que



Eng. Paulo Moniz

as oportunidades de intercâmbio, de participação activa, de presença, são mais difíceis. Isso não há volta a dar.

Tem-se inovado o suficiente nas engenharias nos Açores?

Julgo que sim, aquilo que tem sido feito nas engenharias nas últimas décadas nos Açores tem sido um trabalho notável desde as obras públicas, à construção anti-sísmica, às novas tecnologias, às telecomunicações. Os Açores têm beneficiado imenso do contributo crucial que o activo estratégico da engenharia constitui para o desenvolvimento.

Olhando como engenheiro para Ponta Delgada, que comentário faz?

Depende. Depende da perspectiva que se quer ver na cidade. Há coisas que nós defendemos com grande pendor como é exemplo a requalificação urbana. Aliás, é por isso que quisemos que a nossa nova sede renascesse de um projecto de requalificação de um imóvel do centro histórico da cidade.

Identifica-se com o litoral de Ponta Delgada, especificamente, com as Portas do

Mar?

São questões um pouco subjectivas do gosto de cada um. O projecto de engenharia foi bem conseguido e bem feito. Até porque é uma obra desafiante, uma obra na orla marítima é sempre desafiante nos Açores.

Subscrevia o projecto dos parques subterrâneos na avenida?

Sim, claramente que sim porque se cria uma oportunidade muito importante de trazer vida e pessoas à cidade. Todas essas facilidades, essas medidas que visam a acessibilidade discreta às cidades são importantes desde que, obviamente, bem pensadas quer do ponto de vista técnico quer do impacto que têm. Parece-me que a solução subterrânea é aquela que, do meu ponto de vista, menos impacto causa nas cidades.

Tem sido suficientemente dignificada a profissão de engenheiro nos Açores?

Os engenheiros são, por natureza, por vezes demasiado humildes. Funcionam muito no anonimato mas as pessoas têm de ter a percepção que a maioria das obras e dos produtos de engenharia servem todos, servem muitos ou afectam muitos quando não são feitas de forma rigorosa e com sucesso. Claro que a engenharia está patente em tudo quanto hoje os Açores são, em termos de desenvolvimento.

O que vai mudar para os engenheiros em Ponta Delgada com a nova sede?

Não só em Ponta Delgada mas nos Açores, os engenheiros passam a ter um rosto físico e uma presença visível. Passam a ter uma identidade sua que está disponível para que se possa fazer formação, divulgação à comunidade. Temos uma galeria de exposições claramente numa vertente cultural para devolvermos à comunidade e, em particular, à cidade, um pouco daquilo que é o nosso contributo. A inauguração da nova sede será um momento marcante para a presença física, para um rosto dos engenheiros nos Açores.

João Paz/CD